

Secretaria Municipal de Educação de São Paulo

DIÁLOGOS COM O NAAPA

VULNERABILIDADE E EDUCAÇÃO

São Paulo - 2021



**CIDADE DE
SÃO PAULO**
EDUCAÇÃO

PREFEITURA DA CIDADE DE SÃO PAULO

Bruno Covas

Prefeito

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO - SME

Bruno Caetano

Secretário Municipal de Educação

Mínea Paschoaleto Fratelli

Secretária Adjunta de Educação

Malde Maria Vilas Bôas

Secretária Executiva de Educação

Omar Cassim Neto

Chefe de Gabinete

Secretaria Municipal de Educação de São Paulo

DIÁLOGOS COM O NAAPA

VULNERABILIDADE E EDUCAÇÃO

São Paulo - 2021

COORDENADORIA PEDAGÓGICA - COPED

Daniela Harumi Hikawa - Coordenadora

NÚCLEO DE APOIO E ACOMPANHAMENTO PARA APRENDIZAGEM - NAAPA

Márcia Andrea Bonifácio da Costa Oliveira
Vilma Aparecida Galhego
Alex Benjamim de Lima

ELABORAÇÃO DO TEXTO:

Márcia Andrea Bonifácio da Costa Oliveira
Vilma Aparecida Galhego

REVISÃO TEXTUAL

Roberta Cristina Torres da Silva
Vilma Aparecida Galhego

PROJETO EDITORIAL

CENTRO DE MULTIMEIOS

Magaly Ivanov - Coordenadora

NÚCLEO DE CRIAÇÃO E ARTE

Ana Rita da Costa
Angélica Dadario
Cassiana Paula Cominato
Fernanda Gomes Pacelli - Projeto Gráfico e Editoração
Simone Porfirio Mascarenhas - Editoração

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

São Paulo (SP). Secretaria Municipal de Educação. Coordenadoria Pedagógica.

Vulnerabilidade e educação. – São Paulo : SME / COPED, 2021. (Coleção Diálogos com o NAAPA, v. 3).
24 p. : il.

Bibliografia

ISBN: 978-65-88021-30-9 (livro físico)
ISBN: 978-65-88021-31-6 (livro digital)

1. Psicologia da aprendizagem.
 2. Problemas emocionais.
 3. Vulnerabilidade social.
 4. Interdisciplinaridade na educação.
- I. Título. II. Coleção.

CDD 370.152

Código da Memória Documental: SME8/2021
Elaborado por Patrícia Martins da Silva Rede – CRB-8/5877



Qualquer parte desta publicação poderá ser compartilhada (cópia e redistribuição do material em qualquer suporte ou formato) e adaptada (remix, transformação e criação a partir do material para fins não comerciais), desde que seja atribuído crédito apropriadamente, indicando quais mudanças foram feitas na obra. Direitos de imagem, de privacidade ou direitos morais podem limitar o uso do material, pois necessitam de autorizações para o uso pretendido.

Disponível também em: <educacao.sme.prefeitura.sp.gov.br>

Prezada educadora, prezado educador

Considerando as muitas condicionantes que impactam a aprendizagem e o desenvolvimento de bebês, crianças e adolescentes, este volume propõe refletir acerca das vulnerabilidades inscritas nos sujeitos que se relacionam no espaço educacional, que vão para além daquelas que comumente são associadas ao termo, portanto, expandir a leitura dessa circunstância vulnerável demanda, inicialmente, entendê-la como uma condição a que qualquer pessoa pode experimentar em algum momento da vida.

No ambiente educacional, há contextos de múltiplas carências, de violação de direitos, de doenças crônicas, de dificuldades de aprendizagem, e há também a presença marcante de crianças e adolescentes que se encontram vulneráveis por outros motivos, fato este que pretendemos estabelecer como eixo do nosso diálogo, uma vez que estar vulnerável a alguma situação é algo bastante amplo que merece atenção.

A literatura é uma sugestão para abrir a discussão sobre esse tema tão caro, principalmente se considerarmos este tempo histórico marcado por incertezas e solidão, sentimentos acentuados diante do isolamento social imposto pela pandemia. Na escola, em determinados contextos, estudantes e professores vivem uma dinâmica que não favorece o conhecimento de quem é o outro, pois essa percepção, muitas vezes, se constitui a partir de uma vivência fragmentada e acelerada pelo movimento da própria vida e das relações estabelecidas, portanto, estreitar laços demanda o reconhecimento da humanidade e da fragilidade do outro.

Dessa forma, o texto literário pode ser o caminho para estabelecer a escuta e o diálogo, a fim de buscar estratégias para o enfrentamento de tantas situações e contextos que fragilizam e marcam crianças e adolescentes no espaço educacional. É certo que a leitura de um conto, de um poema ou de uma crônica pode ser disparadora de questões enfrentadas por todos, como o medo, a tristeza, a raiva, entretanto, o percurso que o livro apresenta busca marcar justamente o campo da vulnerabilidade, buscando dar corpo ao que parece anônimo, exercitando a alteridade do olhar na busca incansável de se aproximar e enxergar vulnerabilidades presentes na vida de crianças e adolescentes.

Equipe NAAPA

SUMÁRIO

INICIANDO A CONVERSA.....7

PENSE NISSO.....15

ISSO PODE AJUDAR22

REFERÊNCIAS.....24

INICIANDO A CONVERSA

O mundo é salvo todos os dias por pequenos gestos. Diminutos, invisíveis. O mundo é salvo pelo avesso da importância. Pelo antônimo da evidência. O mundo é salvo por um olhar. Que envolve e afaga. Abarca. Resgata. Reconhece. Salva. Inclui.

Eliane Brum

Diante dos múltiplos desafios aos quais educadores da Rede Municipal de Ensino de São Paulo estão expostos neste tempo histórico marcado pelas repercussões da COVID-19, consideramos relevante promover a reflexão acerca das diferentes formas de como cada grupo social ou cada indivíduo tem experienciado as consequências das necessidades do isolamento social. É fato que todos temos nossa rota de existência alterada pela presença do vírus e pelos riscos de contaminação, mas é preciso compreender que um incontável número de fatores determinará as marcas deixadas por essas experiências em nossa vida emocional e social.

Nós, das equipes do NAAPA, temos nos disponibilizado a refletir sobre os aspectos psicossociais que hoje atravessam a vida de todos aqueles que compõem a comunidade escolar, buscando potencializar práticas coletivas que auxiliem profissionais da educação, familiares, responsáveis e estudantes, para que, por meio do conhecimento teórico, das dinâmicas afetivas e da educação, possam se reconhecer como indivíduos potentes e merecedores de uma vida digna e sustentada por direitos humanos universais.

Assim, neste texto dialogaremos sobre uma expressão que, embora seja frequentemente utilizada nas situações em que abordamos as questões referentes às desigualdades sociais presentes na vida de estudantes da RME, é pouco aprofundada e acaba por se perder, quer seja pelo fato de carregar ideias cristalizadas ou até mesmo por se tratar de terminologia tomada por importante dispersão semântica. Trata-se do termo vulnerabilidade.

Aprendendo Sobre Vulnerabilidade

O termo vulnerabilidade começou a ser largamente utilizado nos anos 1980 pelos profissionais de saúde pública que enfrentavam o rápido crescimento de uma síndrome até então desconhecida, mas que deixava marcas impiedosas nas populações mais jovens. Em diversos países a *Aids* imprimiu seus registros, fazendo com que os pesquisadores buscassem compreender quais eram os grupos sociais mais expostos ou sujeitos aos riscos de contaminação, assim, com o passar do tempo, os termos “riscos” e “população de risco” foram, gradativamente, substituídos pelo termo vulnerabilidade, de maneira que se procurava relacionar uma série de variáveis socioeconômicas e os grupos sociais ou indivíduos que poderiam estar mais ou menos vulneráveis à epidemia.

Assim, tratar as questões da *Aids* sob a perspectiva da vulnerabilidade possibilitou a compreensão de que além de se considerar o comportamento do sujeito, era necessário compreendê-lo na interação de múltiplos fatores sociais, econômicos, políticos e culturais, engendrando, assim, a ideia de que as condições e possibilidades de proteção de uma pessoa não se reduzem à sua simples vontade individual, sendo necessário reconhecer a complexidade da doença e dos recursos necessários para sua prevenção.

Conforme Adorno:

O termo vulnerabilidade carrega em si a ideia de procurar compreender primeiramente todo um conjunto de elementos que caracterizam as condições de vida e as possibilidades de uma pessoa ou de um grupo – a rede de serviços disponíveis, como escolas e unidades de saúde, os programas de cultura, lazer e de formação profissional, ou seja, as ações do Estado que promovem justiça e cidadania entre eles – e avaliar em que medida essas pessoas têm acesso a tudo isso. Ele representa, portanto, não apenas uma nova forma de expressar um velho problema, mas principalmente uma busca para acabar com velhos preconceitos e permitir a construção de uma nova mentalidade, uma nova maneira de perceber e tratar os grupos sociais e avaliar suas condições de vida, de proteção social e de segurança. É uma busca por mudança no modo de encarar as populações-alvo dos programas sociais (ADORNO, 2001, p.12).

O excerto acima nos apoia na compreensão de que embora a vulnerabilidade seja um termo amplamente cunhado pelas políticas públicas de saúde e assistência social, é preciso considerar seus impactos diretos nos modos de aprendizagem de estudantes, uma vez que seu uso nos ajuda a ampliar a compreensão dos múltiplos fatores que fragilizam os sujeitos na fruição de sua cidadania, sendo aprendizagem e desenvolvimento importantes dimensões a serem consideradas quando fazemos referência à infância e à adolescência.

Entendemos, ainda, que é necessário destacar diferentes perspectivas da vulnerabilidade que podem se dar no âmbito individual, quando marcada pelas ações e experiências do indivíduo, no social, quando traduz a forma como a sociedade se estrutura e como as relações são produzidas em diferentes grupos e contextos, e na institucional, que deriva da forma como o Estado responde às necessidades específicas dos indivíduos ou dos grupos sociais no que se refere à garantia dos direitos humanos fundamentais e de cidadania.

Vulnerabilidade Educacional

“Não pode haver ausência de boca nas palavras: nenhuma fique desamparada do ser que a revelou.”

Manoel de Barros

Ainda na busca de elucidar os múltiplos sentidos do termo vulnerabilidade, realizamos um exercício etimológico na tentativa de ampliar a compreensão do leitor no que concerne às relações entre a vulnerabilidade individual, social e estrutural em sua interface com os processos de ensino e aprendizagem no tempo presente. Em latim, as palavras que dão origem ao termo vulnerabilidade são: **vulnerare** (com os significados de ferir, lesar, prejudicar) e **bilis** (suscetível à).

Aqui, o conceito de vulnerabilidade poderia ser interpretado como condição inerente ao ser humano, naturalmente necessitado de ajuda, uma vez que o texto expressa um estado de ser ou estar em perigo ou ainda exposto à potenciais danos em razão de uma fragilidade atrelada à existência individual, diante disso, é importante ressaltar que essa interpretação isolada se mostra eivada de contradições.

A literatura sobre o tema demonstra que saúde e assistência social comungam da concepção de que o indivíduo vulnerável pode ser descrito como aquele que se encontra mais suscetível a sofrer danos em razão de sua cidadania fragilizada, não se tratando assim, de condição intrínseca ao sujeito, de maneira que é possível afirmar que, ao ser apoiado, este indivíduo encontra condições e capacidades de alterar sua conjuntura, reforçando a tese de que a vulnerabilidade está amplamente associada aos modos de vida coletiva.

Tal ideia pode também ser sustentada quando tratamos da criança e do adolescente com aproveitamento escolar abaixo do desejável ou do adequado para sua idade/ano, pois a aprendizagem e o desenvolvimento se concretizam em um espaço/tempo permeado por oportunidades que ofereçam aos estudantes condições materiais, ambientais, metodológicas e psicossociais adequadas às necessidades do bebê, da criança e do adolescente, disponibilizando práticas pedagógicas que contemplem as múltiplas dimensões envolvidas nos processos de aprendizagem. Vigostky apresenta essa ideia ao afirmar que todas as funções psicológicas superiores, atenção, memória, linguagem, autorregulação, são formas internalizadas de relações sociais.

Ressaltamos ainda que quando oferecemos aos sujeitos condições objetivas e materiais, eles conseguem alterar suas realidades, e esse fato reforça a ideia de que as situações de desigualdades produzem como efeito o distanciamento entre o indivíduo e o gozo de seus direitos, por isso, não podemos usar o conceito de resiliência para negar os impactos de estruturas do poder público na proteção social de estudantes, pois a repetição dos ciclos de precarização da vida fragiliza e dificulta os processos de desenvolvimento e aprendizagem.

Destacamos, ainda, o fato de que, embora a vulnerabilidade esteja mais presente nas populações empobrecidas em razão da injusta distribuição de renda e das precárias políticas públicas voltadas para a equiparação de oportunidades, pois nas sociedades capitalistas de nosso tempo observamos modos de vida complexos, nos quais as questões de cunho econômico não são as únicas determinantes para que uma criança ou um adolescente seja visto como vulnerável, as violências praticadas contra crianças e adolescentes são variáveis sociais que expõem esses indivíduos à extrema vulnerabilidade, fato que nos convoca para um esforço coletivo de reconhecimento e combate a essas práticas. Não há dificuldades em se admitir os danos causados pelas violências física ou sexual sobre o corpo físico e emocional de uma criança, mas ainda há grandes desafios quando se busca estabelecer relações entre a violência psicológica ou institucional e o baixo desempenho acadêmico de

um estudante, uma vez que tendemos a atribuir tal questão às características biológicas e intrínsecas aos sujeitos, negando o papel do meio e das relações sociais perversas nos processos de vulnerabilização da aprendizagem.

Embora a literatura apresente poucos estudos que se utilizem do termo vulnerabilidade educacional, sentimo-nos encorajados a realizar com vocês essa reflexão, uma vez que partimos da compreensão de que a vulnerabilidade se dá em diferentes esferas da vida de uma pessoa, impactando em seu bem estar físico, emocional, social e também acadêmico, então, ao cunhar essa expressão desejamos abordar as várias faces que revelam os desafios de oferecer a todos uma educação pública, democrática, laica, inclusiva e de qualidade.

Deste modo, convidamos você a reconhecer o conceito da vulnerabilidade educacional concebendo-a como um conjunto de situações que fragilizam, interferem ou impedem as aprendizagens de bebês, crianças e adolescentes em razão do não atendimento de suas necessidades educacionais, fazendo com que estes sujeitos não tenham seu direito de desenvolvimento contemplado de forma digna e plena, uma vez que a educação é direito humano público, subjetivo, inalienável e universal.

Nesta jornada em direção à descrição da vulnerabilidade educacional, partimos da tese de que há estruturas básicas que compõem o trabalho educacional: a física (estrutura das salas de aula, espaços para brincar, mobiliário, salas de leitura, quadras, parques, banheiros, refeitórios, lactários, pátios etc), a profissional (professores, diretores, coordenadores pedagógicos, especialistas, equipes de apoio, profissionais de limpeza e manutenção etc) e a pedagógica (o currículo, metodologias, material de apoio pedagógico, teorias, conhecimentos, competências, formação docente etc).

Quanto mais nos dedicamos a compreensão da vulnerabilidade educacional, mais nos afastamos das armadilhas de concepções medicalizantes e patologizantes da não aprendizagem, pois ela passa a ser considerada em um imbricado sistema, em que os aspectos físicos, metodológicos, pedagógicos, afetivos e sociais possibilitam reconhecer que bebês, crianças e adolescentes são sujeitos ativos que impactam e são impactados pelas relações estabelecidas entre as dimensões estruturais, profissionais e pedagógicas, que desenham de forma única o espaço social de uma Unidade Educacional.

Pensar o conceito de vulnerabilidade educacional nos remete, ainda, à reflexão de como consideramos as infâncias em nosso tempo e nos indaga a olhar e observar seus corpos, suas emoções, suas histórias, culturas, afecções,

desejos, convocando-nos a ouvir suas vozes e retirá-las da invisibilidade. Pode parecer antagônica a ideia de que os sujeitos a quem se dedica a ação educativa sejam esquecidos, ignorados e negligenciados, mas é fato que muitas práticas pedagógicas negam a presença das infâncias reais, marcadas pelas desigualdades ou ainda infâncias que se manifestam em diversas expressões culturais, econômicas, sociais, religiosas, étnicas, de gênero, de nacionalidades, de comportamentos atípicos...E a cada vez que são negadas e silenciadas são também ocultadas em suas vulnerabilidades e possibilidades educacionais.

Permitir que as infâncias ocupem a centralidade da prática educativa é assumir um posicionamento ético-político de enfrentamento às diferentes manifestações da vulnerabilidade e em especial a educacional, trata-se de enfrentar as incômodas, inquietantes, mas potentes indagações que poderão nos mobilizar em direção a uma educação transformadora e emancipatória.

Assim, sustentados no desafio de promover práticas educacionais centradas para as múltiplas infâncias, destacamos o pensamento de Miguel Arroyo:

Essa nova realidade trazida pelas infâncias-adolescências que chegam às escolas públicas nos obrigam a novos valores, outra ética profissional: a capacidade de entender e trabalhar as indagações intelectuais e éticas, que revelam seus corpos precarizados, é muito mais exigente e maior do que a capacidade profissional de acompanhar seu letramento, seu brincar, desenhar, contar...Somos obrigados a entender mais sobre a dor, o sofrimento, a angústia, à agressão e as violências sofridas pelas crianças em suas vidas e seus corpos precarizados do que sobre o futuro e as promessas de felicidade. Na medida em que essa nova ética profissional avançar, a escola e a docência serão mais humanas. Serão reeducadas no convívio pedagógico com esses corpos infantis e adolescentes tão agredidos. Somos obrigados a deixar-nos interrogar e até reeducar os valores e também a compreensão teórica com que pensamos a infância (ARROYO, 2012, p. 30-31).

Até aqui caminhamos em um esforço de descortinar o lugar seguro no qual temos sustentado nossas concepções sobre a vulnerabilidade, fomos todos convidados a avançar em nossas percepções e quem sabe reconhecer que os espaços educacionais também negam direitos, silenciam, negligenciam, invisibilizam, produzindo vulnerabilidades. Por outro lado, reconhecemos

que nem sempre conseguimos enxergar as infâncias que ocupam os espaços escolares, pois nem sempre sabemos ouvir suas vozes, entretanto, a beleza da existência humana e da natureza criativa e flexível dos educadores é capaz de ressignificar as nossas práticas.

Você sabia que:

- Há relação direta entre a distorção idade-ano e os índices de evasão escolar;
- Um ambiente escolar aversivo e violento está entre as principais causas de desistência do estudante;
- Estudantes discriminados em razão de gênero, etnia, nacionalidade, religião, condição socioeconômica, moradia, constituição ou organização familiar tem maiores possibilidades de abandonar a escola;
- Limitações físicas causadas por doenças graves, crônicas ou de longa duração interferem drasticamente na continuidade da vida escolar de crianças e adolescentes;
- A ausência do apoio pedagógico é devastador para a vida escolar de estudantes com doenças crônicas;
- Estima-se que 18% das meninas que engravidam na adolescência param de estudar;
- Quanto mais exposto um adolescente está ao uso de drogas menor é sua frequência escolar
- O trabalho infantil ou na adolescência levam ao abandono precoce da vida escolar;
- Uma escola que atua nas situações em que haja suspeita ou confirmação de violência contra a criança e o adolescente amplia as possibilidades de aprendizagem e desenvolvimento do estudante;
- As instâncias de participação democrática como grêmios estudantis, conselho de escola e assembleias diminuem as situações de conflito no espaço escolar;
- Estudantes com boa autoestima tendem a ter melhor aproveitamento escolar;
- A aprendizagem escolar promove bem estar emocional;

- O espaço escolar promove saúde mental quando amplia as possibilidades de aprendizagens de todos;
- Relações de respeito entre os adultos e os estudantes diminuem as situações de indisciplina;
- O professor, ao fazer uso de estratégias pedagógicas variadas, contribui com a aprendizagem e afeta positivamente o estudante;
- A criança e o adolescente precisam de apoio e participação do adulto para desenvolver autonomia;
- A forma como o espaço escolar está organizado interfere nos processos de ensino e aprendizagem;
- O bebê, a criança e o adolescente aprendem a partir das relações que estabelecem com os elementos da cultura;
- É responsabilidade dos adultos da escola interferir nas situações em que um estudante é humilhado, perseguido ou constrangido por outro colega;
- Oferecer ao estudante possibilidades de reparar um dano causado a um colega é mais eficiente do que punir;
- A autorregulação é aprendida, não é uma habilidade humana natural.
- Ensinar é uma ação humana transformadora;
- Não se pode negar o direito à aprendizagem a quem já teve tantos outros direitos negligenciados;
- Negar a diversidade e as diferenças que existem em uma sala de aula é uma forma de exclusão;
- A exclusão fragiliza os vínculos sociais;
- A estigmatização da pobreza gera exclusão;
- Possibilitar que todos se apropriem do conhecimento é a melhor contribuição que a escola pode dar para o processo de emancipação individual para a transformação social;
- A educação é um ato civilizatório;
- O direito à educação torna possível o exercício de outros direitos humanos fundamentais e, em consequência, da cidadania;
- Ninguém é livre sem acesso ao conhecimento;
- Valorizar os conhecimentos prévios do estudante não significa negar-lhe novos conhecimentos;

- Ensinar não pode ser um ato de opressão;
- Aprender nos confere a condição de sujeitos;
- Ninguém merece ser reduzido a sua condição socioeconômica;
- Crescer é uma difícil tarefa, mas que ganha forças com o conhecimento;
- Pensar no estudante e em sua integralidade pressupõe investir em suas múltiplas dimensões;

Crianças pobres aprendem, crianças que sofreram violência aprendem, crianças que vivem em famílias pouco potentes para o cuidado e proteção aprendem, crianças que vivem em serviços de acolhimento institucional aprendem, crianças imigrantes aprendem, crianças com deficiência aprendem quando são colocadas à sua disposição as condições materiais concretas para a efetivação de suas aprendizagens.

PENSE NISSO

A Literatura, como já disse o Professor Antônio Candido, não tem a função de ensinar, mas ensina por outros caminhos, já que nos faz lembrar da humanidade que há em nós. Pensemos, então, nesses outros caminhos pelos quais podemos aprender algo com os textos literários e igualmente nessa humanidade, que precisa ser acordada e relembrada.

Na escola, as disciplinas têm como objetivo proporcionar o desenvolvimento dos estudantes, garantindo-lhes recursos para lerem a si mesmo, o outro e o mundo que o cerca, ocupando-o, transformando-o, fazendo parte dele ativamente. Por isso, aprender a ler é uma atividade que se estende ao longo da vida, convertendo-se num gesto indispensável para quem deseja alcançar os diversos textos “editados” presentes nos mais diversos veículos que circulam na nossa sociedade, bem como saber mais sobre si e sobre o outro.

Como educadores, somos convidados, diariamente, a ler a nossa escola, nossa sala de aula e cada estudante que se reúne ao nosso grupo em determinados ciclos e tempos da nossa vida. E neste ponto, se nos questionássemos sobre a forma como acessamos muitos de nossos estudantes, é possível que identifiquemos o quanto a leitura que se faz desse nosso interlocutor, em determinadas situações, se dá de maneira superficial e limitada, dificultando o reconhecimento da vulnerabilidade inscrita na presença e no corpo deste outro.

É preciso pontuar a crítica que se faz em relação a uma leitura que se apresenta sem profundidade em determinados momentos, já que ela pode configurar um traço vulnerável da relação entre os sujeitos no espaço escolar. Se a vulnerabilidade também pode ser temporária e atingir a todos nós em algum momento, precisamos compreendê-la de uma forma estendida. O que é estar numa condição vulnerável? Como a quantidade de experiências que podem levar o sujeito a essa condição é imensa, refletiremos a respeito de uma delas presente nos atores da escola.

Se a linguagem, a voz e o alcance que elas têm marcam o nosso lugar, registrando, para o outro, o contorno de quem somos, o silêncio pode anunciar o apagamento do sujeito, bem como a sua invisibilidade. O silêncio não é vazio de significados, portanto, lê-lo faz se imprescindível, já que aquilo que não se diz, reverbera no barulho interior de quem pode estar vulnerável. É claro que a referência que se faz ao silêncio aqui é aquele que ganha visibilidade pela constante ausência do estudante nos debates e no dia a dia do grupo com o qual convive.

Em contraponto ao silêncio há também, em certas ocasiões, uma fala silenciada, seja porque não encontra a audição do outro ou porque está desacreditada.

Definida a invisibilidade daquele que não fala e daquele que ao dizer não encontra a atenção do interlocutor, passamos a dialogar com a literatura e com aquilo que ela também apresenta quando revela o silêncio e a descrença do dito. Para tanto, o convite que se faz agora é o de refletirmos a respeito das relações que estabelecemos com personagens, narradores e cenários dos textos que nos impactaram e ainda seguem nos dizendo algo, já que se constituem como uma voz que permanece reverberando.

Quantas vezes conseguimos perceber os sentimentos de uma personagem ou compreender o sofrimento pelo qual ela passa, porque depositamos a nossa atenção ao percurso feito por ela, às pistas que nos são dadas no momento em que lemos. Conseguimos entrar em contato com a injustiça, com o sofrimento,

com a punição e a desigualdade vividas pelos sujeitos de palavras inscritas na folha do livro.

Ainda na infância, as crianças se comovem com o patinho que se entristece porque se julga feio, com as maldades das madrastas, dos feiticeiros e das bruxas. Aquele que está vulnerável, seja pelo motivo que for, nos convoca a pensar na dor e na solidão de uma forma tão profunda que chegamos a sofrer junto com eles.

Se na ficção, esse recorte é, muitas vezes, explícito, na vida da escola nem sempre o é. Como saber o tanto e o que faz um estudante viver uma experiência de vulnerabilidade? Algumas situações são facilmente identificadas pela escola, mas outras, não, porque residem no silêncio daquele que não fala ou na voz daquele que não mais é ouvido.

Este texto tem o objetivo de refletir acerca dessa vulnerabilidade presente na voz desacreditada e não mais ouvida, como também no silêncio que despista e ilude o interlocutor.

Quem já entrou em uma sala de aula, ocupando o lugar de professor e professora sabe bem como esse espaço se apresenta como um universo único, permeado de narrativas que se entrelaçam e constituem um tecido partilhado por todos. Cada um que chega tem algo para dizer, uma história para contar, entretanto, a dinâmica da escola nem sempre nos permite ouvir o que o que as vozes estão dizendo, porque diferente dos textos literários, as histórias ainda não estão prontas, mas sendo escritas, portanto, faz-se necessário que debrucemos o nosso olhar para cada sujeito e apuremos a nossa escuta para saber do outro.

A Literatura pode amparar e ampliar a nossa escuta como a nossa forma de enxergar e atuar nesse texto-livro-vida que vai sendo escrito sem que a gente se dê conta dele, pois é observando o outro que sabemos mais de nós e do mundo que partilhamos juntamente. As páginas do livro, que anunciam a história narrada, permitem ao leitor acessar as camadas mais explícitas e as mais implícitas, penetrando no interior dos personagens e dos narradores.

Entretanto, o exercício de enxergar o outro demanda tempo, disponibilidade e curiosidade, como fazemos quando acompanhamos determinado personagem numa narrativa, por isso, trazer para o debate diálogos, vozes silenciadas, contextos em que a vulnerabilidade está presente pode ser o início de uma conversa, pois quando ainda não se pode falar ou não se consegue falar, a voz do outro pode instaurar o diálogo inicial. E se a fala não pode mais ser

ouvida, outras que já foram silenciadas podem dimensionar a falta e o lugar de onde a vulnerabilidade parece saltar.

Se os textos literários também nos ensinam sobre a nossa humanidade, sugerimos espaços em que se possa falar sobre eles e pôr em diálogo ausências, silêncios e vozes desativadas no processo da escuta, dispositivos para iniciar o diálogo, o encontro e, se possível, eliminar o espaço de ausência construído pelo próprio sujeito ou por aquele que já não mais escuta.

Considerando os espaços de leitura legitimados e o trabalho que cada educador desenvolve dentro da escola na produção de leitura, as ideias aqui propostas não têm o objetivo de interferir nas construções já feitas pelos professores da unidade educacional, mas de apresentar sugestões para abarcar o tema da vulnerabilidade, como também conhecer a percepção do estudante sobre essa temática.

Crie um espaço para que o estudante reflita sobre as vulnerabilidades destacadas nos personagens, nos contextos, nos narradores, nas vozes atuantes dos poemas selecionados, no diálogo com as obras literárias e até mesmo a partir da biografia dos escritores.

Esse espaço pode ter uma hora definida para acontecer ao longo da semana, pode ser fixado em determinados dias. Isso é interessante na medida em que se legitima um espaço para a leitura literária que aborda essa temática. Os textos podem ser lidos aos poucos, percebendo, de fato, as camadas e os vãos guardados, só vistos por olhos atentos.

A escolha de um romance, um conto, uma crônica, um poema, pode estabelecer o diálogo inicial, por isso, seja qual for o gênero escolhido, é preciso que a leitura seja refletida, como se quiséssemos saber ainda mais sobre aquele sujeito feito de palavras e que se parece e lembra a nossa humanidade. O recorte de textos que apresentam, de alguma forma, seres em situações vulneráveis pode desencadear discussões, problematizando o sofrimento e ao mesmo tempo, promover a reflexão acerca de saídas possíveis, construídas coletivamente.

Favoreça o exercício da leitura e da discussão de obras que abordam as situações de vulnerabilidade que você deseja trabalhar com os estudantes.

Para essa tarefa é preciso que o mediador, como alguém que sai na frente porque conhece o caminho, reúna um conjunto de obras a partir da percepção que tem dos estudantes, ou de algum deles em especial, oferecendo uma variedade de gêneros e autores, ao mesmo tempo deve considerar as indicações dos estudantes que desejam compartilhar a experiência que tiveram com determinados autores e livros.

O mediador é um pesquisador e leitor assíduo, por isso tem recursos para dialogar e apresentar os livros que chegam na escola, como os livros que já estão no acervo há mais tempo. O diálogo com outras artes como o cinema, a música, as artes plásticas são muito bem-vindas. Lembrando que a construção do percurso de leitura é como abrir um mapa com muitas possibilidades, portanto, quanto mais conexões, mais amplitude e horizonte a leitura ganha. O estudante pode organizar uma *playlist* para um texto lido, como também pode produzir vídeos, saraus, clubes de leitura e tantas outras possibilidades.

Amplie o debate e a produção de materiais a respeito dos textos lidos, promovendo reescritas a partir de vários gêneros textuais, utilizando também outras linguagens tais como o vídeo, o teatro, a música, a dança, o grafite e outras tantas que se fizerem presentes pelo desejo dos estudantes.

O que fazer com o conhecimento que adquirimos sobre determinada leitura? Compartilhamos! A melhor forma de fazer isso é envolver o estudante, convidando-o a tecer relações com aquilo que, agora, ele já conhece conectando com o mundo e com a vida. As perguntas precisam orientar as trilhas: O que isso que eu sei agora altera algo no mundo? Como a partir do que sei transformo a minha vida? O que eu sei sobre mim e sobre o outro? Para onde desejo ir? Que mundo desejo habitar? A qual projeto de vida quero fazer parte? Como posso atuar pensando no coletivo? Como realizo meus sonhos?

Fuja da rotina e convide os estudantes para trazerem também os seus textos sobre situações de vulnerabilidade, leia junto com eles, discuta, construa rotas de fuga.

O estudante conhece inúmeros textos capazes de revelar vulnerabilidades, e mesmo que não seja literário, não perca a oportunidade de estabelecer relações do texto da vida real com aquele que rerepresenta a vida. Os pontos de contato são muitos, de forma que um sustenta o outro e alimenta o diálogo. É importante reconhecer a linguagem estética do texto literário, compreender a forma como o texto foi organizado, porque isso faz parte de um projeto autoral e artístico, mas o ganho se dará no momento em que a dor e a vulnerabilidade inscritas no texto do estudante reverberem no diálogo, no encontro, possível a partir da sensibilidade e do reconhecimento da humanidade e fragilidade presentes no outro.

Abra caminhos, confira com eles estratégias para ler o mundo e a vida

No que se refere à leitura, o educador pode ser a referência para o estudante e, na posição de mediador, pode colaborar com os processos de compreensão e interpretação de texto, provocando o grupo. Costumamos nos interessar e sentir curiosidade por aquilo que fascina o outro. No começo é assim mesmo, seguimos uma trilha já conhecida por aquele que nos guia, depois, quando já conhecemos diversos caminhos, escolhermos aqueles que mais nos agradam ou os que nos desperta para o novo.

As estratégias de leitura são muitas e é preciso conhecê-las, pois como um conteúdo também são ensinadas. Quanto ao texto literário, faz-se necessário ainda acessar as teorias da literatura em diálogo com as outras áreas do conhecimento.

Confira sugestões de leituras:

Tendo em vista que a seleção de livros é algo bastante subjetiva, e está atrelada ao gosto e às experiências de leitura de cada leitor, a lista, que ora apresentamos, é um conjunto de obras que traz condições de vulnerabilidade acentuadas. Como toda lista, ela não se esgota, mas convida a outras.

A Hora da Estrela, de Clarice Lispector.

Vidas Secas, de Graciliano Ramos.

Capitães de Areia, de Jorge Amado.

Quarto de despejo, de Carolina Maria de Jesus.

Catálogo de Perdas, de João Anzanello Carrascoza.

O diário de Anne Frank, de Anne Frank

Eu sou Malala, de Malala Yousafzai

O cidadão de papel, Gilberto Dimenstein

Persépolis, de Marjane Satrapi

A vida que ninguém vê, Eliane Brum

Poesia:

Carlos Drummond de Andrade

Manoel Bandeira

Sérgio Vaz

Marcelino Freire

Mel Duarte

Lubi Prates

Ryane Leão

Cora Coralina

Elisa Lucinda

Paulo Leminski

Ana Martins Marques

Orides Fontela

Eliane Potiguara

E a lista continua...

ISSO PODE AJUDAR

Pensar em práticas educacionais inclusivas implica na compreensão da garantia de direito de todos às condições materiais concretas para a efetivação das aprendizagens e desenvolvimento, de modo que a organização do espaço escolar ofereça a todos os estudantes, indiferente de sua condição física, social, emocional, cognitiva, étnica, cultural, de gênero, religiosa ou econômica.

Cabe a escola ofertar recursos, materiais de apoio pedagógico, estratégias de ensino que respeitem à diversidade humana, suas dimensões cognitiva, afetiva e social possibilitando a apropriação do conteúdo sistematizado.

Iniciamos o processo de reflexão sobre práticas inclusivas com a intencionalidade de apresentar um conjunto de ações, que já estão presentes no cotidiano docente, mas que ganham força na observação sensível das necessidades do estudante.

São práticas inclusivas:

- Conhecer o contexto social dos estudantes, mas não o transformar em fator determinante para as situações de aprendizagem, pois todos são capazes de aprender;
- Criar rotinas claras e que respeitem as características da turma;
- Investir em atividades desenvolvidas em grupos colaborativos heterogêneos;
- Estabelecer objetivos possíveis de serem alcançados e pautados em avaliações diagnósticas e na observação contínua;
- Usar a avaliação como estratégia de acompanhamento e planejamento da ação pedagógica;
- Auxiliar o estudante na organização de uma rotina de estudos;
- Checar se todos na sala compreenderam a explicação;
- Criar um ambiente favorável para que o estudante se sinta à vontade para esclarecer suas dúvidas;
- Acompanhar de maneira individualizada se o estudante com mais dificuldade compreendeu a explicação;
- Agir com empatia diante das dificuldades;
- Utilizar de diferentes estratégias na revisão dos conteúdos;
- Valorizar os pequenos avanços;

- Ajudar o estudante a perceber os pequenos avanços;
- Graduar o nível de dificuldades indo do simples para o mais complexo;
- Associar os conteúdos a temas de interesse dos estudantes com maiores dificuldades;
- Ofertar atividades que contemplem habilidades que você reconhece nos estudantes com maior dificuldade;
- Estimular a colaboração e a parceria entre os estudantes em detrimento da competição;
- Demonstrar interesse genuíno pelo estudante com dificuldades;
- Evitar usar as fragilidades dos estudantes como forma de manter a disciplina;
- Tratar a todos com respeito;
- Corrigir sempre que possível de forma particular;
- Respeitar a intimidade do estudante;
- Dedicar mais tempo a quem tem maior necessidade;
- Ocupar o lugar de adulto na relação com o estudante;
- Exercer a prática docente de maneira profissional;
- Evitar que as emoções determinem suas ações em sala de aula;
- Pontuar os erros cometidos pelo estudante de forma positiva;
- Chamar os responsáveis para falar dos avanços do estudante;
- Fazer da revisão parte da rotina diária;
- Usar a avaliação para mensurar o alcance de suas escolhas pedagógicas;
- Rever o planejamento de forma que ele esteja a serviço das aprendizagens;
- Realizar atividades que integrem diferentes áreas do conhecimento;
- Planejar e desenvolver projetos que envolvam diferentes áreas do conhecimento;
- Discutir com os demais professores estratégias que ampliem as possibilidades de aprendizagem da turma;
- Buscar apoio para pensar em estratégias pedagógicas diferenciadas;
- Compartilhar objetivos, preocupações e necessidades com os docentes que realizam os projetos de contraturno;
- Discutir objetivos e ações a serem desenvolvidas com o estudante e com seus responsáveis;
- Compartilhar questões que extrapolam as possibilidades da escola com a rede de proteção do território;

- Apoiar os colegas resistentes em trabalhar com os estudantes com dificuldades;
- Criar espaços de compartilhamentos das experiências que ampliam os espaços de aprendizagem;
- Permitir que o estudante seja parte de escolhas que digam respeito aos seus processos de aprendizagens e necessidades singulares;
- Buscar ajuda quando estiver cansado e desmotivado em relação ao trabalho com os estudantes que precisam de mais apoio;
- Estudar sobre desenvolvimento humano de modo a compreender como a aprendizagem se dá nos diferentes ciclos da vida;
- Usar os espaços coletivos e propor para o PEA temas que contemplem os desafios da escola em garantir o direito de aprendizagem de todos.

Ao longo do texto, propomos o exercício de refletir a respeito das vulnerabilidades e dos impactos que ela traz para os processos de desenvolvimento e aprendizagens de bebês, crianças e adolescentes.

Buscamos ampliar a compreensão acerca da vulnerabilidade, considerando que não podemos tomá-la como único fator determinante para as situações de não aprendizagem.

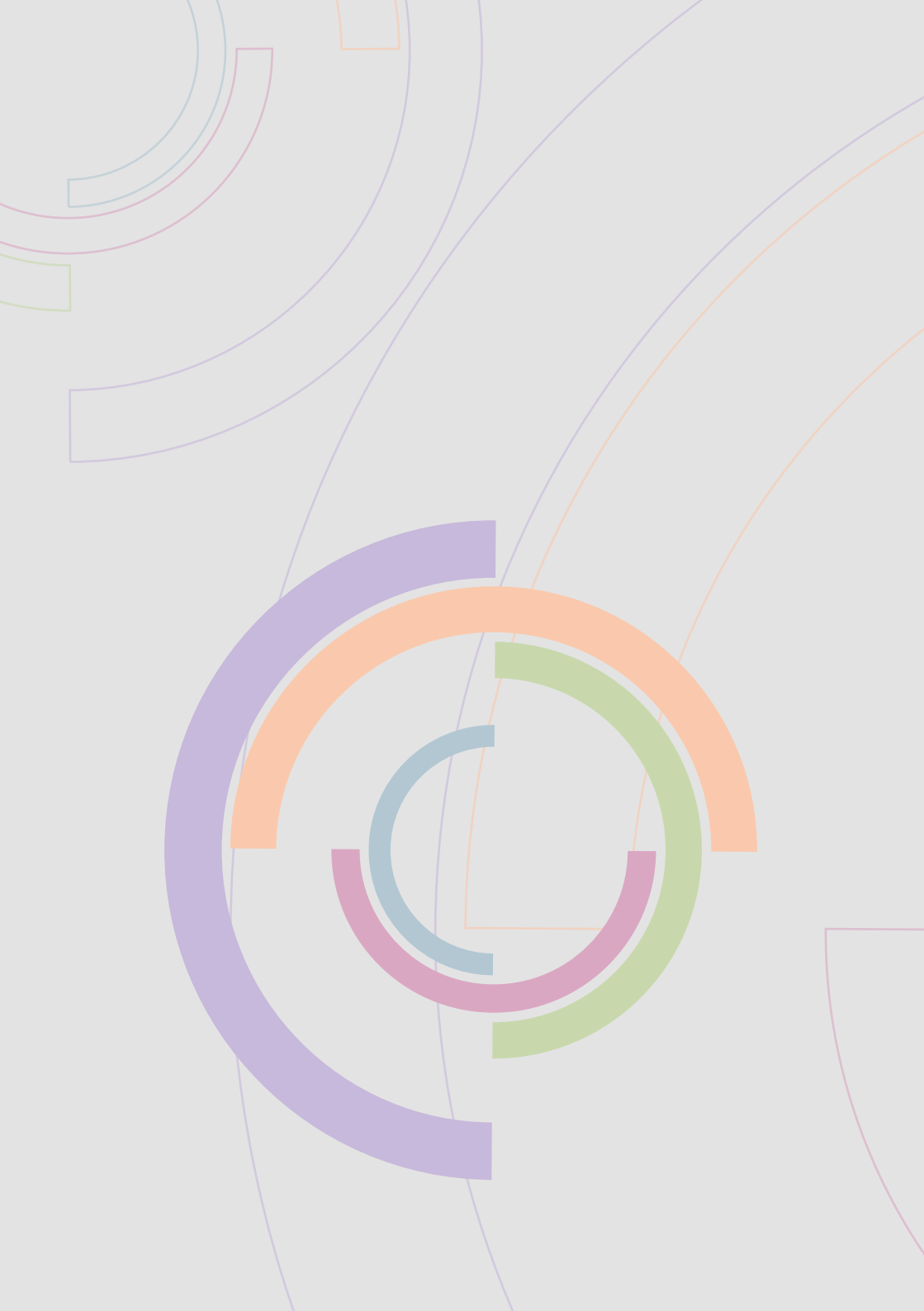
Fica o convite para a leitura e reconhecimento dos processos de vulnerabilidade inscritos no espaço escolar, de maneira que fique evidenciado o valor do conhecimento e a importância que ele exerce na transformação social e individual do estudante.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Rubens de Camargo Ferreira. **Os jovens e sua vulnerabilidade social**. 1. ed. São Paulo: AAPCS – Associação de Apoio ao Programa Capacitação Solidária, 2001.

ARROYO, Miguel G; SILVA, Mauricio Roberto da Silva. **Corpo infância: exercícios tensos de ser criança; por outras pedagogias dos corpos**. Petrópolis: Rio de Janeiro: Vozes, 2012.

CANDIDO, Antônio. O direito à literatura. In: **Vários escritos**, 3. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995.





CIDADE DE
SÃO PAULO
EDUCAÇÃO